2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

8.º ANNO. QUINTA FEIRA, 23 DE NOVEMBRO DE 1848. N.º 3.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Auroras Boreaes.

.... le Nord, dans ses vastes domaines,
Contient de la clarté les plus beaux phénomènes.
....
Souvent l'épais brouillard tient leurs flammes captives ;
Souvent laisse percer leurs clartés fugitives ;
Ils glissent en reflets, s'échappent en lingots,
Ou d'une mer de feu roulent au loin les flots ;
Ici blanchit l'argent, et là jaunit l'opale,
Là se mêle à l'azur la pourpre orientale ;
Tantôt en arc immense ils prennent leur essor,
Roulent en chars brûlants, flottent en drapeaux d'or,
S'élancent quelquefois en colonnes superbes,
S'entassent en rochers, ou jaillissent en gerbes,
Et variant le jeu de leurs reflets divers,
De leur pompe changeante étonnent ces déserts.
(Delille — Les Trois Règnes de la nature, c. I.)

34 Em a noite de 17 do corrente, a Cidade de Lisboa admirou, pelo espaço de quasi quatro horas, a magestosa apparição de uma aurora boreal.

A curiosidade publica, preoccupada continuadamente pelos encontrados successos da terra, ao presencear esse phenomeno celeste, formou quantas conjecturas podia imaginar ácerca do espectaculo que tanto a maravilhava.

Pareceu-nos que a noticia do apparecimento da aurora boreal, que, pelo que attesta a tradição, foi a mais luminosa e duradora de quantas se teem visto em o nosso horisonte, deveria ser acompanhada do que soubessemos sobre a materia. — É o que vamos tentar, começando este breve trabalho ao despedirnos dos derradeiros vestigios, que o phenomeno ainda deixou no ponto mais remoto do horisonte, que a vista alcança.

Entre as paginas immortaes de um livro, que é como a imagem da natureza inteira, reflectida na alma de um dos mais elegantes escriptores da França, ha uma que, a par de muitas, nos não esquecerá nunca. O auctor de *Paulo e Virginia* alli descreve as scenas phantasticas e sublimes, que se passam na immensa abobada do céu, quando o vento, luctando com as nuvens, povôa o horisonte de creações gigantescas, mas ephemeras, que o pensamento mal póde comprehender ; e para mais engrandecer tantas maravilhas imagina o sol a sumir-se no occidente, e os seus ultimos raios frouxos, mas mui visiveis, atravessando com differente colorido essas malhas enormes de muitas nuvens, que parecem separadas por abysmos que encantam a phantasia.

Antes d'este assombroso quadro, digno do pintor da natureza virgem da America, e que o nosso tosco pincel nem se atreveu a imitar, ha outro que, pela singular simpleza da verdade que representa, nos serve para descrever o que, pelas seis horas e meia da noite de sexta feira, se começou a observar para o lado do norte, e que foi o precursor do phenomeno tão portentoso, como o que *Bernardin de S. Pierre* destacou das puras, mas mui poucas linhas com que traçou o despontar da aurora.

Eis-aqui, se é possivel traduzi-las, as palavras do auctor dos Estudos da natureza : —

«Em uma formosa noite de verão, quando o céu está claro e só contém vapores mui pouco espessos, mas com intensidade bastante para deter e refrangir os raios do sol ao atravessarem os limites da nossa atmosphera, indo para uma campina d'onde se descubra o começar da aurora ; a primeira coisa que vereis, será alvejar o horisonte no ponto d'onde a esperaes ; e esta especie de aureola que a precede fez com que, por causa da côr, lhe chamassem alva, que vem da palavra latina — alba — que quer dizer *branco.* Essa claridade irá subindo pelo céu quasi sem se perceber, e tingir-se-ha de amarello quando estiver alguns gráus acima do horisonte ; ao subir mais, o amarello se mudará em côr de laranja desvanecido, que será transformado depois em uma côr vermelha quasi tão intensa como o carmim, a qual irá morrer no zenith.»

Pouco será mister alterar as situações representadas n'este quadro, para que seja a pintura do principio da aurora boreal. Em vez do fim de uma noite clara de verão, imaginae o principio de uma noite serena de inverno, em que a brisa do Tejo não tinha força para mover as folhas das arvores, e na qual as estrellas brilhavam com o seu maximo esplendor no firmamento tão sereno e puro, que nem sequer o manchava a sombra ou vestigio de uma nuvem ; substitui o oriente pelo occidente, e recordae-vos do nascer do sol até ao ponto em que a sua primeira claridade, já mudada em zona rubra e como incen-

diada, indica que o astro do dia vae despontar, e tereis noticia do começo do phenomeno de que estamos fallando.

É para lastimar o receio infundado que observámos em alguns pontos da Cidade; e se dermos credito ás informações que de outros temos recebido, o susto em partes chegou ao ultimo auge.

Consta-nos até que no dia 18 se enterrou o cadaver de um homem abastado, que o susto tomou a ponto de succumbir completamente.

Sentimos que em taes casos os gritos de misericordia, que se ouviram em algumas ruas, as lojas que em outras se fecharam, em logar de provarem apego á santa religião de nossos paes, provém o estado de atrazo em que ainda vae a nossa instrucção e educação publica.

As idéas elementares de physica, que em outras nações se aprendem na infancia, em Portugal são ainda um mysterio para muita gente adulta.

Não foi esta a primeira aurora boreal que se avistou de Lisboa, e a *imprensa* já varias vezes tem fallado d'este phenomeno, sem o acompanhar de idéas que devessem assustar ninguem.

Um livro que, sem vantagem nenhuma moral, se popularisou por todo o paiz, bastava para ter feito conhecer a existencia das auroras boreaes. — Já se vê que nos referimos ao *Judeu Errante*. De tantos centenares de paginas, cheias de quadros extravagantes, e que por vezes offendem o pudor e o bello da arte, entre os raros que se devam guardar na mente, se conta o quadro que representa uma scena passada nos fins de Setembro nas margens do estreito canal de Behring, que separa os limites dos dois mundos, a Siberia da America do Norte, e no qual a estranha luz de uma aurora boreal alumia a figura do homem que, ajoelhado no cabo da Siberia, estende os braços para o lado da America com um gesto desesperado, e que tambem alumia a mulher formosa e ainda nova, que no promontorio americano responde a esse gesto apontando para o céu.

Não ha ainda uma certeza mathematica sobre as causas d'este phenomeno, e a sua explicação não pertence, por emquanto, ao numero dos axiomas que se registam nos annaes das sciencias como verdades eternas. Em taes circumstancias são dois os pontos a tractar com referencia ás *auroras boreaes*; um é historico e o outro scientifico; pois que a serie de phenomenos similhantes, observados por varias vezes sem o mais leve perigo, assenta nas tradições oraes e escriptas, ao passo que o resumo das theorias inventadas para explicar o phenomeno, e a exposição do que sobre as suas causas se tem estudado, são coisas que estão incluidas na historia geral dos progressos dos conhecimentos humanos.

Não nos falta vontade de satisfazer o desejo que temos de informar os leitores do nosso Jornal de quanto se refere a esses dois pontos; mas além da mingua natural de elementos, que para tal fim servissem, accresce que entre a causa d'este artigo e a sua impressão corre tão curto espaço de tempo, que apenas poderemos recorrer ao que nos deixaram na memoria estudos feitos ha annos, e sobre os quaes teem passado outros mui diversos.

Tractemos primeiro da parte historica ou tradicional do phenomeno, para que os animos receosos se não desassoceguem mais com o que só deve despertar na alma uma justa e gostosa admiração pelo Supremo Auctor de tantos prodigios, que dissipam os mais ousados e atrevidos sonhos da ambição do saber humano.

Os sabios da antiguidade foram pouco felizes nos seus estudos a este respeito, e os trabalhos d'Aristoteles, Plinio e Seneca só conteem de interessante para o conhecimento do phenomeno as descripções que d'elle nos deixaram. Entre ellas é mui digna de ser citada a de um dos mais encyclopedicos talentos d'essas eras remotas, porque junta á verdade da pintura o merito de conter a prova, que já em taes eras vogava o erro tão geral de ligar os miseros acontecimentos da terra aos mysteriosos designios que, por modos assombrosos, manifestam continuadamente a existencia do Poder, que na terra tantas vezes se esquece.

O periodo a que nos estamos referindo é de Plinio. «Foram vistas por esse tempo, diz este auctor, tochas e lampadas ardendo, madeiros inflammados em toda a sua extensão, e ainda além d'isto se viu o mais terrivel de todos os agoiros — um incendio que parecia cahir sobre a terra em chuva de sangue, e que era o que já se havia presenciado quando, no terceiro anno da CVII olympiada, Filippe queria subjugar a Grecia.»

Não deve admirar a exageração do fecundo escriptor, quando em outro periodo diz, que appareceram exercitos no céu que figuravam um combate, ouvindo-se o estrepido das armas e o som das trombetas; por quanto no *Diario de Henrique III* se conservou a recordação de quando, pelos fins do seculo XVI, caravanas de dez e doze mil penitentes iam em peregrinação cumprir votos á igreja de Reims, por causa de certos signaes que se haviam visto no céu, e por esse tempo as povoações completas de algumas aldêas, com os donatarios na frente, vieram pagar suas promessas á celebre cathedral de París.

O encantador e suave *Delille*, que, como *Gesner*, e talvez mais feliz do que elle, seguiu o caminho traçado por *Lucrecio* nas atrevidas phantasias do seu universo, deixou-nos em os cadentes versos dos *Tres reinos da natureza* a memoria de uma antiga ficção, que não deve deixar de ser citada.

É riquissimo o colorido que anima o quadro dos ciumes d'essas duas creações phantasticas, que o poeta tão propriamente descreve quando lhes chama

> Deux lumineuses sœurs, au visage riant
> Rayonnent l'une au Nord, et l'autre à l'Orient.

Este nome de irmãs, com que a ficção as baptizava, era prova de que aos dois phenomenos alli representados se dava a mesma causa; e estes principios consignou-os o celebre *Mairan* no seu *Tractado da Aurora Boreal*, que se referia a um d'estes phenomenos, visto ao mesmo tempo em S. Petersburgo, em Napoles, em Roma, em Lisboa, e em Cadix.

O que se refere á tradição constante, de que nenhum resultado fatal houve ainda de tão bello phenomeno, ficará completo com o testemunho de auctores que varias vezes o presenciaram, juntando-lhe uma resumida idéa das regiões d'onde provém.

A era em que vivemos é composta de uma serie de antagonismo difficil de imaginar. Qualquer idéa que se tome para a qualificar desapparece assim que a meditâmos, porque outra, totalmente opposta, lhe vem usurpar o logar.

A partida das expedições que, em 1838, 1839 e 1840, foram dos Estados-Unidos, da Inglaterra e da França para estudarem o polo austral, é uma resolução intrepida que mal se combina com os prazeres e o descanço, que se póde gozar n'esses tres pontos em que a civilisação moderna se ostenta com todo o seu esplendor.

Quem lê o resultado d'essas perigosas viagens, apezar de saber que ha mui pouco tempo succederam os factos ahi contidos, julga estar lendo uma narração phantasiada; pois que se acaso chega a convencer-se de que tudo é real, sentirá gelar-se-lhe o sangue vendo o homem abrir placidamente um livro e escrever-lhe algumas linhas, tendo ante si montanhas de neve que se perdem á vista na continuação de centenares de leguas, e vendo que elle está sobre um mar que por vezes se transforma n'um solo de gelo, ouvindo o ruido estrondoso das mais horriveis tempestades, ao passo que o fumo sahido dos vulcões lhe esconde o horisonte, e que a terra para onde se poderia refugiar lhe estremeceria debaixo dos pés, como uma taboa descosida do convez do seu navio.

Os maiores perigos que a natureza encerra, cercam, ameaçam, e por vezes consomem a vida dos que vão a taes regiões.

Com os olhos na *Carta do Polo do Norte*, em que estão marcadas as descubertas do capitão Ross, o mais intrepido dos navegantes modernos, poderemos descrever uma parte das regiões mais frequentadas pelas auroras boreaes; pois que tambem no polo do sul se manifesta este phenomeno, ao qual em taes casos, como diz *Pouillet*, se póde chamar aurora austral.

Entre os dois continentes da Asia e da America, e o polo boreal, se estende uma vasta região de terra e mar, chamada a região artica.

Partindo do estreito de *Behring*, em que falla o auctor do *Judeu Errante*, o primeiro Archipelago de vulto é a *Nova Zembla*, situada em frente da *Laponia* da Europa, que tem quasi 600 leguas de comprimento, e que fica separada do continente pelo estreito de *Waigatz*, sendo dividida em duas partes desiguaes por outro estreito chamado *Matochkin*.

A parte mais meridional é composta de planicies, e na outra se erguem montanhas perpetuamente envoltas em espessa neve, de uma das quaes sahem sem interrupção lavas vulcanicas. Segue-se o grupo das Ilhas de *Spitzberg*, massa compacta e variada de rochedos immensos, que surgem das aguas como se fossem um espelho de gelo.

Ao sudoeste, 50 leguas adiante de *Groenland*, fica a Ilha de *João Mayen*, d'onde se levanta uma montanha com mais de seis mil pés de altura.

Groenland é um territorio vastissimo, que parte desde 60° de latitude norte, até a um ponto do norte que ainda se não descobriu.

Além de outras ilhas desertas, que ommittimos, as regiões articas comprehendem uma grande parte da costa da America, quasi desconhecida, que principia no estreito de *Behring*, continuando até ao cabo *Turnagain*, e d'esse ponto ao cabo Victoria, descobrimento de Ross, e que ainda não foi estudado.

Um escriptor moderno, *Henrique Lebrun*, mui acertadamente disse, que estas regiões eram a verdadeira imagem do cahos.

E na verdade os pasmosos versos de Ovidio parecem uma sombra, comparados com a pavorosa scena da natureza, que se passa nas trevas de uma noite de mezes em roda do misero habitante d'essa parte do globo, envolto na pelle de urso que habitualmente o veste, vendo ao clarão das auroras boreaes, ou com o auxilio da frouxa luz da lua, as extravagantes e medonhas fórmas do mundo gelado em que vive; e acordando do somno, que o susto da morte lhe concede por breves instantes, ao estampido de montanhas que abatem, ou de vulcões que rebentam.

N'essas regiões só ha verão e inverno: o verão é o dia, o inverno é a noite.

Na *Islandia*, o dia dura um mez, em *Groenland* tres mezes, e em *Spitzberg* cinco mezes.

O resto do tempo é a noite, apenas cortada pelos providentes phenomenos das auroras boreaes.

A segurança que em consequencia de tantos factos existe, ácerca de que nenhum perigo corre a vida com o apparecimento d'esses phenomenos, não é a mesma ácerca da explicação verdadeira das suas causas.

A Meteorologia, sciencia moderna, ainda não levou as suas delicadas investigações a ponto que o Electro-Magnetismo lhe possa servir de base para as theorias que está criando. No entanto, se não ha um principio verdadeiramente incontestavel, que explique o phenomeno já citado, são julgadas como falsas algumas das theorias de mais voga, que o pretendiam explicar.

Delille, o pomposo metrificador do *Consorcio das Flores*, se hoje escrevesse, não accrescentaria aos harmoniosos versos, que escolheu para epigraphe, e que reunem a descripção do phenomeno, os que são como a coróa da immortalidade posta sobre a cabeça de um sabio; e nos quaes, fallando do auctor do *Tractado da Aurora Boreal*, diz que o rei da luz, respondendo ás queixas da aurora boreal, que se lastimava de não ser tão sua querida

> Choisit un des rayons de sa tête immortelle
> . . . .
> Lui-même de sa fille y grave la naissance,
> Au célèbre Mairan ausssitôt il le lance.

Ora, o raciocinio seguro e reconhecido saber de *Cuvier* bastou para em uma das suas eruditas notas ao Poema dos *Tres Reinos*, apagar o raio d'essa luz do genio que premiava uma theoria que se não podia sustentar.

Mairan, admittindo a existencia de uma outra atmosphera, além da nossa, e da qual o sol é o centro, suppõe que esta atmosphera desce quasi sobre a terra, e do contacto d'estas duas atmospheras fez nascer não só as auroras boreaes, mas outros phenomenos taes como a luz zodiacal. Se o systema não convence, nem por isso deixa de ser completo em todas as suas partes, mui engenhoso e rico de infor-

mações ácerca da descripção de varias auroras boreaes.

Aimé Martin, nas suas tão estimadas *Cartas a Sophia*, falla do extravagante systema de *Libes*, que, imaginando nos polos focos de gaz nitroso, dizia que os seus vapores, elevando-se centos de leguas acima da atmosphera, produziam a aurora boreal.

De ambas estas theorias se acham vestigios nos seguintes versos do *Newton*, do Padre José Agostinho de Macedo, e nos quaes, a par dos systemas conhecidos no seu tempo, se póde observar uma exacta copia do phenomeno.

> De aspecto muda do vapor a massa
> .... eu vejo
> ....
> E esse, usado a brilhar no algente Polo,
> Sem calor vivo, sem substancia um fogo,
> Uns restos são, maravilhosos, bellos,
> D'essas de luz ondulações pasmosas,
> Que, detidas do ar no immenso seio,
> Formam brilhantes boreaes auroras;
> Ao lucido horisonte em parallela
> Linha se mostram, e mais baixas correm,
> Ou, n'um centro commum, s'unem subindo
> Até que, extinctas as porções sulphureas,
> Pouco a pouco do ar desapparecem,
> Deixando apenas ao gelado Norte
> Um suave crepusculo brilhante.

Algumas outras theorias, sem nome que as auctorise, por ahi correm ainda guardadas unicamente pelos que mais falsa opinião formam de quanto os cerca, e em o numero das quaes se póde contar a que attribue as auroras boreaes á luz do sol reflectida pelo gelo e vapores condensados nas regiões polares: n'este caso, as auroras boreaes seriam um crepusculo de larga duração e nada mais. A observação dos varios caracteres do phenomeno provam, que não tem semelhança com os meteoros luminosos provindos d'essa causa, e tambem muito vulgares no polo do norte.

Franklin, o *Abbade Rosier*, e outros inventaram theorias, ás quaes serve sempre como de base, a electricidade; os termos que deveriamos empregar na sua exposição, carecendo de serem definidos para alguns dos nossos leitores não os mencionaremos, e apenas daremos leve idéa da mais completa d'este genero, que é a de *Patrin*.

Este auctor, que por dez annos consecutivos viveu nas regiões polares, diz que sendo o gaz hydrogenio inflammavel pela simples acção do fluido electrico, é d'este phenomeno que provém as auroras boreaes, pois que nos seus vagos movimentos observou a combustão successiva de um corpo muito inflammavel, mas não tanto como o fluido electrico se mostra no relampago; d'onde conclue, que a aurora boreal provém da combustão do gaz hydrogenio em contacto com a electricidade, e tambem da combustão de uma parte, ainda que diminuta, de oxigenio da atmosphera.

Fellens, no seu *Manual de Meteorologia*, referindo-se a esta opinião, diz — que ella é concludente, e que completa satisfactoriameete a theoria das auroras boreaes, formadas pela acção do fluido electrico. O auctor d'este *Manual* vae por tanto mais adiante do que fôra *Cuvier* e *Aimé Martin*, porque estes apenas terminaram o que escreveram sobre a materia, com a declaração de que assentavam que a electricidade era a base do phenomeno, sem esclarecerem mais esta supposição. As conclusões do Manual de *Fellens*, impresso em 1833, apesar do merecido credito que tem este livro, podem ser consideradas como ousadas em demasia, á vista da reserva que sobre o ponto em questão se nota nos *Elementos de Physica e de Meteorologia* de *Pouillet*, impressos dois annos antes, mas reimpressos depois sem alteração; no *Tractado de Meteorologia de Kaemtz*, e no Manual completo de Meteorologia d'este auctor. *Pouillet*, no livro citado, não duvida escrever: — «Quizera poder indicar as causas das auroras boreaes; mas a sciencia, por em quanto, só possue a este respeito idéas vagas, e ainda mal se sabe se as auroras boreaes são um phenomeno atmospherico» — para o que, segundo a sua opinião, era mister que fosse incontestavel a opinião de alguns, e que era a de *Patrin*, de que a aurora era precedida de um ruido ou rumor similhante aos que acompanham o apparecimento das faiscas electricas; averiguado este facto, o phenomeno seria passado na atmosphera, porque fóra d'ahi não póde haver esse ruido.

O que a sciencia contem de mais positivo em tal materia, são as relações que existem entre o phenomeno e o magnetismo. Essas relações são um facto incontestavel, que talvez um dia ligue mais este ponto dos conhecimentos humanos a um dos poderosos agentes que a sciencia tem descoberto no mundo.

Com as duvidas apresentadas por *Pouillet*, e com a opinião geral de que nenhum ruido precede, nem acompanha a aurora boreal, se concilia o que affirma *Bosekop*, quando, em consequencia de observações feitas nos invernos de 1838 e 1839, diz que o phenomeno se passa nos limites da atmosphera.

O physico *Canton* já anteriormente havia annunciado isto mesmo.

Arago, um dos maiores astrologos da era em que vivemos, é quem mais tem concorrido para definir as relações que existem entre as auroras boreaes e as variações da agulha magnetica. Não tractemos tambem da natureza d'estes variações, para não afugentar leitores com o indispensavel uso dos termos necessarios para as descrever. Basta-nos a certeza de que ellas existem, e a ponto, que o astronomo francez, pelos movimentos da agulha magnetica do Observatorio de París, sabe o momento em que uma aurora boreal apparece em qualquer parte do horisonte. Ainda nem uma só vez se enganou, e, quando dos seus labios sahe essa noticia, não tarda que ella seja comprovada por qualquer dos observadores, que continuadamente estudam esse phenomeno em varias terras.

O exemplo de *Arago*, em quanto ao exame da influencia da aurora boreal em a agulha magnetica, é seguido por muitos homens de merito na Escossia, na Allemanha, na Russia, e até na China.

Se combinarmos o que deixamos escripto com o principio reconhecido, de que a terra é um grande iman que actua sobre a agulha, e do qual os polos parecem estar perto dos polos geographicos sem coincidir com elles, e considerando as tentativas do ca-

pitão Ross para determinar o polo magnetico, commissão que a Inglaterra julgára ainda mais importante que a desejada passagem do norte para a China, e considerando mais que os polos são os logares frequentados por esse phenomeno, será licito manifestar a supposição de que o magnetismo, cada vez mais ligado com a electricidade pelos estudos de homens tão celebres como *Faraday*, seja o agente a quem se deva a exacta explicação d'esse phenomeno, que tão completamente se nos mostrou em a noite de 17, como provaremos pela breve descripção do que observámos depois do começo da aurora boreal, já descripto no principio do presente artigo.

Contrastando com o foco alvo e resplandecente da aurora, duas columnas afogueadas começaram a subir vagarosamente pelo horisonte, uma vinha do lado occidental, outra do oriental, ao passo que se iam curvando para se aproximarem mudavam de côr e de aspecto; ao tocarem-se, a fórma da aurora ficou definida, e se percebeu que das duas classes que se conhecem, uma denominada de arco, outra de raio, esta pertencia á primeira classe.

O arco chegava quasi ao zenith, e formava como uma abobada de fogo terminada nos confins do horisonte por uma especie de corpo movel, o que similhava no aspecto á madre-perola alumiada por uma luz que lhe não ficasse muito distante; d'esse verdadeiro foco do phenomeno partiam como estrias ou raios da mesma côr, que entre as cambiantes do carmim que se notavam em toda a parte do horisonte, que parecia cheio pelas chammas do incendio de uma cidade, produziam um effeito maravilhoso. Ás nove horas e dez minutos, o phenomeno ostentava toda a sua magestosa formosura: foi a essa hora que nos pareceu ver formada o que se chama a coróa da aurora, e é a reunião de alguns raios afogueados que do perimetro do arco parecem querer saltar para além do zenith; seja ou não exacta esta nossa supposição, o phenomeno, depois d'essa hora, enfraqueceu, e ás onze era apenas um reflexo prateado, que illuminava todos os corpos que ficavam nos limites do nosso horisonte.

Eis-aqui o que julgámos dever escrever, como cumprimento do encargo que tomámos redigindo este Jornal: é o resumo de quanto até hoje tem chegado ao nosso conhecimento ácerca de um phenomeno que assusta os animos receosos ou ignorantes; mas que só é mais uma de tantas provas com que a Divina Providencia maravilha o mundo.

As auroras boreaes, das quaes sem causa se assustam alguns habitantes dos paizes meridionaes, nas terras frigidas do norte são como iris de paz e bençãos do Senhor, que descem sobre a sinistra solidão que o sol, por espaço de mezes, deixa abysmada nas trevas.

O homem da Europa que chega até essas regiões, é o symbolo vivo do progresso do espirito humano, é a proclamação solemne de que a perfectibilidade que lhe resta da origem divina, de que se desligou por suas mãos, deixou-a Deus ainda no saber, que é o infinito, porque mata, gastando-as, quantas forças o querem abraçar.

Quando se estudam os pontos transcendentes que se referem ao assumpto d'este artigo, vê-se que o espectaculo sublime do estudo substitue ao presente a fama de quantas glorias nos legou o passado.

Como só queremos na terra a completa victoria da civilisação contida no Evangelho, porque é a unica origem segura de paz, quando admiramos os que na intrepidez e estudo das descobertas seguem os exemplos que Portugal deu ao mundo no tempo dos Henriques e dos Gamas, vemos os loiros de Alexandre cahirem desfeitos pelo frio polar; vemos a espada de Cezar quebrar-se como se fôra de vidro no gelo tão antigo como o mundo; vemos o ultimo conquistador da Europa como uma sombra de ambição, que desapparece para além de um tumulo, ao clarão d'essas tochas, que Plinio viu accesas no céu, e que derramam sua rubra luz pela superficie gelada de uma parte do Oceano.

Ante as scenas grandiosas da paz, tudo morre em volta da luz eterna da sciencia, que é tambem a luz da fé.

Mortes apparentes. — Enterramentos prematuros.

35 Tendo apparecido na Revista Universal Lisbonense queixas, aliás mui justas, sobre os enterros prematuros; queixas que tem sido infinitas vezes repetidas em todos os tempos por muitos escriptores, especialmente de Medicina Legal; (e sobre taes enterros todos tem ouvido contar, e muitos tem mesmo testimunhado successos bem lamentaveis, e não menos curiosos:) devendo aproveitar esta occasião em que o espirito publico se tem commovido pelo perigo que todos devemos ter de sermos enterrados vivos! E sobre tudo na eminencia d'uma epidemia; julguei dever socegar os animos dos meus concidadãos com o que sei a este respeito, que se póde julgar a mais feliz resolução d'um problema verdadeiramente vital.

A Santa Madre Egreja tem sempre ensinado como uma Obra de Misericordia enterrar os mortos.

Mas em todos os tempos se tem observado que alguns mortos tornaram á vida, antes mesmos de serem enterrados; e alguns dos enterrados foram vistos tempos depois, em attitudes que demonstravam terem tornado á vida, tendo morrido, segunda e ultima vez, pela impossibilidade de soccorros.

Daqui as duvidas sobre a verdadeira morte; daqui a distincção entre a morte apparente e morte real. Assim, uma obra de piedade corria o risco d'uma cruel impiedade.

Cumpria, em tal apuro, estabelecer os caracteres distinctivos da morte real.

Observações e experiencias se fizeram, e os resultados se escreveram; mas os factos attestaram a incerteza de taes signaes.

Nestes termos a Santa Egreja, como mãe carinhosa, mas prudente, determinou (no seu Ritual romano, sobre as exequias — de *exequuis)*: «Que nenhum corpo fosse sepultado, principalmente se a morte fôr repentina, senão depois de passado tempo necessario para que não fique absolutamente duvida alguma sobre ser a morte real. *(Nullum corpus sepeliatur, prosertim si mors repentina fuerit, nisi post debitum temporis intervallum, est nullus omnino de morte relinquatur dubitandi locus).*» Aqui não se falla das celebres 24 horas! Como se tomaram como regra geral?!

**

Á sciencia da vida, á Medicina, incumbia resolver o problema, designar os caracteres distinctivos das mortes reaes, pelos quaes se devessem regular os facultativos, com certeza, no exercicio da arte, unicos depositarios da confiança da Egreja, jury competente das duvidas dellas.

Em 1837 ainda a sciencia estava na mesma duvida; M. Manni, professor na Universidade de Roma, enviou á Academia das Sciencias de Pariz uma proposta de premio de 1:500 francos á melhor Memoria sobre as mortes apparentes; e sobre os meios de remediar suas funestas consequencias.

A Academia recebeu a offerta; e foi auctorisada a receber os fundos, e a dar-lhes a applicação proposta.

No mesmo anno propoz o premio para a sua sessão publica de 1839 as questões seguintes:

Quaes são os caracteres distinctivos das mortes apparentes?

Quaes são os meios de prevenir os enterros prematuros?

Naquelle concurso não se deu o premio porque nenhuma Memoria satisfez. No seguinte concurso para 1842 succedeu o mesmo.

No terceiro, em 1846, appareceu uma Memoria, digna do premio.

A commissão encarregada do exame da Memoria composta de MM. Dumeril, Andral, Magendie, Serres, e Royer, relator, leu este anno o seu relatorio á Academia, que approvou a sua conclusão.

Assim ficou resolvido aquelle mui importante problema.

Bem se deixa vêr a importancia daquelle relatorio, e a necessidade de o communicar ao publico para sua instrucção; e sobre tudo para os que exercem a difficil arte de curar, que neste assumpto ficarão com toda a responsabilidade por falta desta noticia. É tambem evidente que tambem carecem desta instrucção as Auctoridades Ecclesiasticas, Administrativas e Judiciaes. Interessa muito a todos os cidadãos, especialmente aos enfermeiros, aos militares de terra e mar, ás mães, consortes, etc. etc.

Promettemos satisfaser a todos os interessados, publicando brevemente em portuguez aquelle relatorio: o qual, desde já, recommendamos muito á attenção do Governo.

J. L. A. Frazão.

PARTE LITTERARIA.

SACRIFICIO HERDADO.

(Continuado do n.º 2.)

36 A GRADE de um convento é, como todos sabem, o espaço comprehendido por duas cazas, quasi sempre com as dimensões de duas cellas, separadas por um grande vão de janella, que tres ou quatro ordens de robustas grades de ferro, pintadas de preto e distando obra de seis palmos umas das outras, transformam em janella de cadêa.

Quando cheguei á grade ainda alli não tinha chegado a Religiosa que eu procurava.

Além das grades, a vista só encontrava a simplicidade da pobreza, a qual não perturbava os devaneios da imaginação.

O pavimento lageado, as paredes alvas como a neve, com o rodapé côr de castanha quasi preto, e a porta pequena e da mesma côr, que se abria no angulo da direita, — eis-aqui o que eu tinha diante dos olhos, quando ouvi passos perto d'essa porta, e um instante depois saudei respeitosamente a nova Prioreza.

Ainda que esta historia é simples e tem de ser breve, porque um serão não dá para muito, parece-me que não devem levar a mal, que eu tente descrever a formosura d'esta senhora, que mais realçará ainda quando ouvirem o que sei da sua tão subida virtude.

Na infancia, as linhas puras com que o relêvo das feições fazia brilhar a tez, na qual a côr da açucena se combinava com a côr viva da rosa, eram uma prova de que Urbino encontrou na terra, pelo menos uma vez, a physionomia dos seraphins, que o seu pincel suspendia n'essas auréolas de gloria, sonhadas pela phantasia do artista, toda embebida na contemplação dos mysterios do céu. No oitono da vida, quando a dôr lhe tinha já queimado tantas esperanças, e as lagrimas tinham afogado saudades, que renasciam sempre, só as linhas, que o escôpro de Canova deixou traçadas no rosto da sua Magdalena, dariam idéa do retrato da ultima Prioreza de um dos conventos de Portugal. E esta similhança existia, apezar de que as lagrimas do arrependimento não tinham ainda cahido sobre o seu coração, que era um sacrario de virtude; mas a fé, que trouxe a peccadora até aos pés da Cruz do Golgotha, era tão viva como a que ligava ao altar a vida inteira d'esta Religiosa.

Quando entrou, a toalha que symetricamente lhe cercava o rosto, mais augmentava ainda os castos encantos de tão rara belleza.

Era de estatura mais que regular; os olhos, fitos no chão, deixavam perceber o contraste que havia entre a alvura da fronte e a debil rouxidão das palpebras, terminadas por dois semicirculos negros, e tão regulares, que pareciam traçados com um pincel de artista.

Percebi que era muito o seu enleio, e as largas pregas do habito negro deixavam adivinhar, que era agitada por uma respiração violenta e apressada.

Depois da minha saudação, houve um silencio de instantes, até que, levando a mão direita aos olhos, como quem enxuga lagrimas, que vem sem que se esperem, enleou a outra no cordão da cintura, como se a volta, apezar de larga, a estivesse opprimindo, e dignou-se dizer-me:

— «Espero que me desculpe: hoje é para mim um dia muito attribulado.»

— «Mas para esta caza é um dia de jubilo, pois que, segundo me acabam de dizer...»

N'este ponto, sem o querer me cortou o periodo dizendo:

— «Peço-lhe, que me não lembre a tremenda responsabilidade que me peza sobre a consciencia. Não fallemos em tal.»

— «Para obedecer, deixarei de repetir o que a esse respeito me está dictando o coração.»

— «Cuidei que se havia esquecido do nosso convento.»

— «Desejarei muito poder-me persuadir, que só agora existiu essa suspeita.»

— «Talvez, mas sempre devemos assim pensar, pois que, em verdade, para que se ha de o mundo lembrar de quem o deixou? Sei muito bem que todos nos devem esquecer...»

— «Se fôra possivel esquecer a virtude...»

— «A virtude! — repetiu a Prioreza com um suspiro: — e pensam no mundo que essa palavra consiste só no cumprimento rigoroso dos votos feitos ao pé do altar!... Ai! se soubessem lá fóra as manchas do peccado, que a meditação descobre na alma da que dentro d'estas paredes se tem por mais pura, haviam profanar menos essa palavra, que só no céu se percebe como ella é.»

— «Que outrem pensasse assim, mas...»

E novamente lhe sahiu dos labios outra interrupção:

— «Devo pensa-lo mais do que ninguem, porque não tenho tido força de animo bastante para não derramar lagrimas de dôr sobre o sacrificio herdado de minha mãe, que tão santamente padeceu na terra. Não é só o amor de filha que me faz fallar assim... bem vê que nem só dos meus olhos cahem lagrimas.» — E apontou para uma antiga creada do convento, que junto á porta orvalhava com pranto as faces encovadas e cortadas por muitas rugas.

D'esta pratica resultou que, por singular favor, mereci a confiança da nova Prioreza, que alguns dias depois me contou a historia do que ella chamava *Sacrificio herdado*, e a qual eu tomarei a liberdade de escrever, sem alterar a verdade do que ouvi.

(Continúa.)

Um retrato.

37 Se eu amar uma donzella
Quero sempre encontrar n'ella
Da innocencia o pudor,
E que a mais leve emoção,
Agitando o coração,
Tinja as faces de rubor;

Quero-lhe negro o cabello,
Só negro, bem negro é bello,
Contrastando a côr da tez,
E os olhos da mesma côr
Com sombra e com fulgor,
Como os vi já uma vez;

Quero-lhe os labios qual rosa
Entr'abrindo descuidosa
Á viração que a bafeja,
E os dentes de tanta alvura,
Que ceguem pela brancura
A quem por seu mal os veja;

Quero-lhe a fronte espaçosa,
Indicando-me orgulhosa
Que abriga nobre pensar,
Que a donzella sem talento
Póde sentir um momento
Mas bem longe está de amar;

Quero-lhe varia expressão
A cada nova impressão
Vêr no rosto angelical;
Que um sorriso que enlouquece
Perde a força, desmerece,
Se se torna habitual;

Não quero vê-la orgulhosa
Nem leviana, e vaidosa
Por coisas que nada são;
Nem quero que a hypocrisia
Lhe quebre a doce magia
Que á voz dá o coração.

Não quero ver-lhe constante
No seu candido semblante
A alegria a fulgurar;
Mas que sombras de tristeza,
Sem dôr que gaste a lindeza,
Lh'o possam annuvear.

....
....
....

Este retrato imperfeito
Ficará como foi feito
Por pobre e tosco pincel;
Ficou apenas esboço,
Mas acaba-lo não posso,
Que não sou um Raphael.

Não sei bem se a phantasia
É que a mão me dirigia
Nos traços que fui fazendo;
Mas sei que em vez de inventar
Pude apenas copiar
Feições que sempre estou vendo.

Embora esteja illudido
Creio o retrato parecido,
É quanto me basta a mim;
Nem trato já de o mostrar,
Que m'o podem cobiçar...
Faço bem, não é assim?

Quanto ao nome da donzella,
E é tão lindo o nome d'ella!
Guardo-o no peito em segredo:
Té os echos da soidão,
Que me sabem da paixão,
De repeti-lo tem medo.

6 de Novembro de 1848. X.

BELLAS-ARTES.

Alberto Durer.

38 Alberto Durer, Lucas de Leyde e Marco Antonio foram os tres primeiros artistas que aperfeiçoaram a gravura, a ponto de chegar a ser considerada como um dos mais brilhantes ramos das Bellas-Artes.

Alberto Durer foi contemporaneo de Lucas de Leyde, e póde-se-lhe chamar o Miguel Angelo da Allemanha, pela vastidão dos seus conhecimentos. Ao passo que transportava para a tela o colorido da natureza, fundava para o desenho uma nova eschola; e, por meio do buril, revelava á Europa quaes seriam os futuros progressos da gravura.

O seu estylo, como gravador e como pintor, é o que os criticos chamam — secco, que melhor se poderá denominar em portuguez — arido; — mas apezar d'isso, o genio realça por tal arte em todas as composições do seu engenho, que os defeitos se esquecem, comparando-os com as perfeições, que as fazem ser tão estimadas. Alberto Durer nasceu em 1471. Era filho de um ourives, que, da Hungria, tinha vindo para a Allemanha, afim de procurar fortuna para si e para a sua familia. Aprendeu o officio de seu pai; mas tanto podia no animo de Alberto a paixão que tinha pela pintura, que deixou a officina em que trabalhava, e foi ser discipulo de Martin, gravador e pintor. Depois de ter continuado a estudar com diversos pintores e gravadores, fez varias viagens.

Foi muito estimado pelo imperador Maximiliano I, que lhe concedeu *cartas de nobreza*.

A gravura em madeira deve muito a Alberto Durer, o qual nem só n'este genero foi insigne, porque tambem gravou em ferro perfeitamente; e alguns escriptores lhe attribuem a invenção da gravura com o emprego da agua forte.

O buril de Durer era sempre vigoroso; e o desenho sempre animado e puro.

Alguns criticos, mui atilados, observam que os seus quadros apresentam muitos defeitos, em relação á perspectiva aeria; mas taes defeitos se não encontram nas estampas devidas ao seu buril. Basta a gravura em quarto — O *Nascimento do Redemptor* — para confirmar o que fica dito.

Pelo exacto conhecimento das regras que se devem observar no estudo da perspectiva aeria, é mui gabada a mais primorosa de todas as suas gravuras — *S. Jeronymo meditando a Santa Escriptura* — (é uma gravura em folio); bem como se elogia egualmente uma gravura representando a — *Sagrada Familia*, — na qual a Virgem está no primeiro plano, contemplando o Redemptor do mundo; e S. José está no segundo plano a tirar agua de um poço.

Alberto Durer morreu em 1528. Todos os allemães sabem este nome, e todos o respeitam.

As suas obras são tantas, que é impossivel enumeral-as; mas póde-se assegurar que uma gravura authentica, que tenha o seu nome, é uma preciosidade em toda a parte onde houver chegado a civilisação.

(Extrahido de Eméric David.)

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

11 a 16 de novembro.

Diario n.° 268.

39 Decreto. — Constando-me que as Duquezas de Ficalho e da Terceira, as Marquezas de Fronteira, Ponta-Delgada, e Fayal, as Condessas da Ribeira Grande D. Marianna, do Sobral D. Luiza, e do Lavradio, a Viscondessa de Benagazil, D. Eugenia de Mello Breyner, e D. Maria Meclina Guedes Pinto, inspiradas pela exemplar caridade que as distingue, e que tanto as honra, intentam formar uma Associação Philantropica, destinada a promover e ajuntar soccorros para auxiliar o estabelecimento dos hospitaes da Cholera-Morbus, — e acudir aos doentes pobres atacados d'aquella molestia: — e querendo Eu concorrer para a realisação de tão nobre e generoso pensamento: Hei por bem Approvar o estabelecimento da dita Associação Philantropica; e Ordenar que as Auctoridades Administrativas lhe prestem todo o auxilio e coadjuvação necessarios para o seu maior desinvolvimento e alcance. O Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, o tenha assim entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em seis de Novembro de 1848. — Rainha. — *Duque de Saldanha*.

—

Dito n.° 271.

Para conhecimento do Corpo do Commercio se fazem publicos os seguintes paragraphos dos officios dos consules portuguezes nas Praças abaixo designadas.

CORK.

Em officio do nosso Consul, datado de Londres em 4 de Novembro corrente:

«Sinto dizer a V. Ex.ª que a venda do vinho do «Porto tem diminuido muito; e que os vendedores «apenas teem lucro algum no que vendem.

«O facto é, que a pobreza e miseria da grande «maioria dos habitantes da Irlanda são grandes ob-«staculos á introducção de qualquer artigo de luxo, «como vinho, fructa, etc. E o insignificante preço «da bebida principal do paiz, que é um licôr espi-«rituoso chamado *Whiskey*, faz com que o gosto de «vinho é quasi ignorado pela gente ordinaria.

«Em consequencia da molestia nas batatas, prin-«cipal sustento dos pobres da Irlanda, o milho con-«tinúa a achar compradores em Cork, onde o preço «da primeira qualidade é de 9 libras por tonellada.

«Ha grande falta de sal, actualmente no Porto de «Belfast, ao norte de Dublin, onde se podia vender, «ao menos, uma carga da primeira qualidade ao pre-«ço de 48 shillings até 50 shillings por tonellada, «se chegasse alli com brevidade.»

GIBRALTAR.

Em officio do nosso Consul, datado de 29 de Outubro ultimo:

«O vinho ordinario para consumo da gente pobre, «vem a Gibraltar directamente da Catalunha, e de «outros pontos de Hespanha, tanto tinto, como bran-«co, e vende-se a bordo de 16 a 20 patacas por pi-«pa de 105 galões imperiaes.

«Nas mesmas embarcações que o conduzem se ven-«de qualquer quantidade para mantimento dos na-«vios sem pagar direito algum. Cada pipa que entra «n'esta Praça para consumo das cazas particulares, «paga o direito de cáes de 5 reales de prata e 2 «quartos, e para se vender a retalho nas tabernas, e «outros estabelecimentos, paga 5 pences por galão, «ou 100 réis. Os contractadores que fornecem o vi-«nho para a tropa d'esta guarnição, tambem o man-«dam vir da Catalunha, e outros pontos de Hespa-«nha. Consta-me que já tractaram de o mandar vir «de Portugal; porém parece que não lhes convém «por não ser tão forte e tão barato como o de Cata-«lunha, e os cascos tambem são mais caros. De ma-«neira que os nossos vinhos não teem aqui quasi ne-«nhum consumo, e apenas vem algumas quartolas do «Algarve, que é vinho sem confeição proprio para «beber a pasto, que os mestres d'aquella provincia, «que frequentam este porto, costumam trazer»

«Igualmente vem a este porto muita quantidade «de barricas de farinha da America do Norte, por «baixos preços, do que n'esta Praça se faz maior «gasto, e tambem em sacos vinda de Marselha e Ge-«nova.

«Em quanto ao azeite, vem de Hespanha a esta «Praça; comtudo os especuladores do Algarve cos-«tumam trazer algum d'aquella Provincia e do Alem-«tejo; e os ultimos 18 cascos que importaram se «vendeu a 36 reales de velhon (réis 1$590) por ar-«roba de 26 libras, valendo o de Malaga a 40 rea-«les de velhon, ou réis 1$800.

«Além do azeite costumam tambem os algarvios «trazer os seguintes productos d'aquella Provincia, «e de outras de Portugal, como alfarroba, amen-«doas, grã, grão de bico, lenha, azeitonas, bois, car-«neiros, feijão, figos, gallinhas, marisco, mel, ovos «(estes em grande quantidade, não baixando o seu «producto de 5 a 6:000 duros annuaes), palma em «obra, perús, peixe fresco (no Inverno) e salgado, «cebollas, e outras miudezas, que vendem por ata-«cado, e a retalho, por varios preços, segundo as «circumstancias e qualidade.

«A alfarroba é um dos primeiros productos do Al-«garve, onde vão alguns navios por anno a carregar «para Genova. Tambem se exporta alguma para Gi-«braltar, para sustento do gado vaccum e muar, e «para exportação para Genova, é o seu preço regu-«lar de meio duro até tres quartos por quintal.

«A amendoa é do mesmo modo exportada para a «America do Norte e para a Inglaterra, e costuma «vender-se aqui de 12 a 16 patacas por quintal de «112 arrateis sem casca, e com casca branda de 7 «a 8 duros.»

Dito n.° 272.

Edital do Conselho de Saude Publica, suspendendo as quarentenas dos navios procedentes de varios portos dos Estados-Unidos da America, por constar officialmente haver desapparecido d'aquelles pontos a *febre amarella*.

Outro do mesmo Conselho, suspendendo as quarentenas dos navios procedentes de Constantinopla, Smyrna e Bayrouth, em consequencia de ter desapparecido d'aquelles pontos a Cholera-Morbus.

Distincção bem cabida.

40 TODOS quantos conhecem o Sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro sabem que, além de ser um valioso ornamento da nossa administração publica, é um cavalheiro que sabe captivar a estima de todas as pessoas pela benevolencia do seu tracto, e pelo zelo com que se dedica a quanto diz respeito aos seus amigos. E nem só os nacionaes, mas tambem os estrangeiros varias vezes lhe teem tributado mui publicamente os louvores que por todos esses motivos merece.

Tivemos muita satisfação ao sabermos, que o Sr. Silvestre Ribeiro foi agraciado por um Soberano estrangeiro do modo honroso, que consta do seguinte documento, que, por fortuna, encontramos no *Madeirense* n.° 76 do corrente anno.

Ministerio dos Negocios Estrangeiros. — Manda Sua Magestade a Rainha, pela Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, communicar ao Conselheiro José Silvestre Ribeiro, Governador Civil do Funchal, para sua intelligencia e satisfação, que o Ministro Residente de Sua Magestade Neerlandeza participára, em Nota de 26 d'Agosto ultimo, haver aquelle Soberano Condecorado o mencionado Conselheiro com a Cruz de Cavalleiro e a Commenda da Ordem da Corôa de Carvalho (Ordre de la Couronne de Chêne) em testemunho de Sua Real Benevolencia pelas

attenções que tivera com o Principe Alexandre dos Paizes-Baixos. — Paço das Necessidades, em 27 de Setembro de 1848. — *José Joaquim Gomes de Castro.*

Consta-nos que tambem foram agraciados a Auctoridade Militar, e os Consules hollandez e francez, da Ilha da Madeira, pelo mesmo motivo.

Nova Associação de Beneficencia.

41 Uma associação, formada pelas senhoras abaixo assignadas, e auctorisada por Decreto de 6 de Novembro de 1848, para o fim de promover e ajuntar soccorros para auxiliar o estabelecimento dos Hospitaes de Cholera-Morbus, e acudir aos doentes pobres atacados d'esta molestia, pede a todas as pessoas caritativas queiram concorrer e tomar parte n'esta grande obra de caridade, e que tambem o é de interesse publico e particular. Qualquer donativo, por pequeno que seja, em generos ou dinheiro, será bem recebido, assim como o nome do bemfeitor, em caza de qualquer das Senhoras que formam esta associação, que lhe passarão recibo. Lisboa, 14 de Novembro de 1848. Duqueza de Ficalho — Duqueza da Terceira — Marqueza do Fayal — D. Maria Meclina Pereira Pinto — Viscondessa de Benagazil — Condessa da Ribeira grande D. Marianna — Marqueza de Ponta Delgada — Marqueza de Fronteira — D. Eugenia de Mello Breyner — Condessa de Lavradio — Condessa do Sobral.

Novo Theatro.

42 Consta-nos que no terreno onde foi a egreja de St.ª Justa, no fim do primeiro quarteirão da rua des Fanqueiros, se está tractando de construir um novo theatro de declamação. Sabemos que andam n'este empenho pessoas mui capazes de o levar ávante.

Orações na Diocese do Porto.

43 O Digno Prelado da Diocese do Porto ordenou que em quanto as circumstancias não exigirem outras providencias do seu evangelico ministerio, em todas as missas cantadas ou rezadas, que se disserem no Bispado, se dê a oração da missa: *Pro vitanda mortalitate, vel tempore pestilentiæ,* para implorar da Divina Misericordia que Portugal não seja invadido pela *Cholera-Morbus.*

Em um paiz catholico, como felizmente é o nosso, o jornalista não deve deixar de registar um facto, que abona a fé de um Pastor, e a do rebanho que, por mercê de Deus, lhe coube guardar.

Necrologio.

44 Um nome, que ainda ha pouco juntámos ao dos nossos illustres collaboradores, foi gravado pela morte sobre uma sepultura.

No dia 16 do corrente morreu em Lisboa o Sr. José Maria Campello, filho do Sr. Conselheiro Campello. Nasceu em 23 de Fevereiro de 1829, e não contava ainda vinte annos de edade.

Era uma das esperanças das nossas lettras. Estudava muito, e o affecto que tinha á pureza e formosura da lingua portugueza, é coisa que, em tão verdes annos, deve ser apontada como exemplo. Filho de um poeta distincto, algumas flôres de mimo colheu em o campo da casta e singella poesia nacional.

A Revista talvez seja o unico jornal, onde este mancebo de muito merito deixou alguns trabalhos litterarios.

Sirvam elles de guardar a sua memoria, assim como estas linhas servem de provar a justiça com que cumprimos o funebre dever de commemorar a sua sentida morte.

Theatros.

45 No Theatro de D. Maria II a *Affronta por Affronta,* do Sr. Lopes de Mendonça, foi mui victoriada, e o auctor deve estar satisfeito com os applausos, que premiaram o seu talento e o formoso estylo da sua composição. O tempo e o espaço escacêa-nos hoje, a ponto que não podemos dizer mais nada a este respeito. Em S. Carlos agradou a nova opera *Eran due ed or son tre.*

Novo Jornal.

46 Com gosto annunciamos que se tracta de publicar um novo Jornal, com o titulo de *Atheneu.*

Folgamos em ter mais um tão illustre collega na imprensa litteraria e scientifica.

Especulação Litteraria.

47 Veio-nos á mão o Prospecto de um Almanak das Familias, que nos parece ser em grande parte a reproducção do Almanak Popular, publicado pelos nossos collegas da *Revista Popular.*

Este Almanak tem defeitos, e os proprios auctores o conhecem; mas estes não se emendam com uma contrafacção disfarçada.

Estas reflexões são, por em quanto, uma supposição, mas foi dever nosso manifesta-la pelo respeito que temos á propriedade litteraria.

COMMERCIO.

48

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO EM 16 DE NOVEMBRO.

Generos	Moios	Preço por alqueire
Trigo	8:217	400 a 540
Cevada	2:396	200 a 240
Milho	688	340 a 360

— Cereaes, em 7, a bordo regularam os preços da semana anterior.

— Praça de Lisboa 22 de Novembro.

Fundos Publicos de 5 por cento com o juro rece-

bido teem sido procurados por 45 por cento, e por esta cotação fizeram-se algumas vendas. — Acções do Banco são procuradas. Tem havido compras por 492$000; os vendedores pedem mais de 495$000. Os titulos de 4.° e 8.° de Acção vendem-se pelo representativo. Cautellas de 3 por cento houveram algumas transacções por 35 por cento. Acções do Fundo de Amortisação 46 a 47. Acções da Companhia de Pescarias ha compradores para 27$000. Os mais papeis de credito conservam as cotações anterioros.

O agio das Notas do Banco de Lisboa de 16 a 22 do corrente esteve firme, sendo por moeda a compra 1.920, e a venda 1.900.

— Cambios effectuados em 11 de Novembro.

Londres	3 d v	$52\frac{5}{8}$
	30 d v	$52\frac{3}{4}$
	60 d v	$52\frac{3}{8}$
	90 d v	53
Genova		534
Hamburgo		$48\frac{1}{4}$

— Paris, 4 de Novembro.

O seguinte é extrahido dos *Documentos sobre o commercio externo*, publicados em París pelo governo:

O imperador de Marrocos, fazendo justiça ás reclamações do consul geral de França, e de todos os outros agentes consulares em Tanger, promulgou a 5 de Setembro ultimo um decreto que modifica para todos os portos do imperio de Marrocos a pauta dos direitos de importação, do modo seguinte:

Ferro, o quintal 4 piastras ou por 100 kilogrammos 28 francos e 80 centimos.

Pregos, o pequeno quintal 5 piastras, ou por 100 kilogrammos 54 francos.

Cera, 5 piastras por 100 kilogrammos.

Coiros de Buenos Ayres, 3 piastras por 100 kilogrammos.

Algodão em rama, 3 piastras por 100 kilogrammos.

Seda crua, a libra meia piastra.

Todas as outras mercadorias 10 por cento.

Um manifesto, publicado em Cagliari a 17 de Abril ultimo, exempta de todos os direitos de porto os navios de todas as nações que forem carregar á ilha da Sardenha 1.000 quintaes de sal pelo menos.

O mesmo manifesto fixa o preço do quintal de sal posto a bordo a 80 centimos (pouco menos de 140 réis).

Uma nova doclaração a este manifesto, de 5 de Agosto ultimo, estatue que a condição de carregar mil quintaes de sal não é obrigatoria:

1.° Para os navios de uma tonellagem inferior a 100 tonelladas, e não carregando outras mercadorias:

2.° Para os navios vindo expressamente completar a sua carga com sal.»

As importações de algodão em rama, que em Setembro de 1847 eram de 29.000 quintaes, elevaram-se em Setembro de 1848 a 35.000 quintaes.

A importação das lãs é que diminuiu um pouco.

A seda tambem teve baixa na importação, mas ha toda a esperança que suba, visto que dois terços dos teares de Lião já trabalham, e a seda manufacturada ter subido a um preço egual ao que tinha em Setembro de 1847.

O consumo da semente do linho tem augmentado notavelmente: excedeu ao consumo dos dois annos precedentes em 44.682 quintaes contra 17.000 em 1847 e 27.000 em 1846.

A importação do sesamo (gergelim) durante o mez de Setembro ultimo foi de 14.000 quintaes contra 9.000 em 1847.

Em quanto a importação das plantas oleaginosas crescia, a do azeite de oliveira augmentava tambem: em Setembro de 1848 importou-se 29.000 quintaes contra 23.000 em Setembro de 1847.

Varias outras industrias tambem cresceram; por exemplo em 1847 importou-se em Setembro 1.206.000 quintaes de carvão de pedra, e em Setembro ultimo 1.527.000 quintaes. A importação de cobre foi de 4.560 quintaes contra 2.171 em egual mez de 1847.

A importação dos assucares diminuiu.

Os premios concedidos em Junho ultimo em favor da exportação tem-n'a promovido muito.

Citaremos dois exemplos: os tecidos de algodão cru foi em Setembro de 1847 de 1.927 quintaes e em Setembro de 1848 de 9:941 quintaes: e os tecidos de lã em Setembro de 1847 foi de 1.830 quintaes, e no mez correspondente de 1848 foi de 2.020 quintaes.

Porém todos os productos aos quaes se não concedeu favor teem baixado, excepto o vinho, cuja exportação tem crescido muito.

A abundancia da colheita tambem tem favorecido a exportação: assim tem-se exportado durante os ultimos nove mezes d'este anno 854.000 quintaes de cereaes contra 100.000 em 1847.

Correspondencias.

49 — Santarem, 22 de Novembro.

A safra é este anno escassa. A azeitona é muito grossa e de excellente apparencia, mas pouco productiva: a parte carnosa em que avulta resolve-se em muita agua-ruça e pouco azeite. O anno passado a moedura media rendeu dez cantaros, este anno parece não passará de sete; assim o preço do azeite deve subir: hoje está aqui a 2$000 réis o cantaro. O trigo ribeiro está de 360 a 380 réis o alqueire; o rijo de 300 a 320 réis; o milho de 240 a 260 réis; a cevada de 200 a 220 réis; o centeio de 180 a 200 réis.

— Porto, 18 de Novembro.

O preço dos cereaes continua estacionario. Só o milho baixou de 350 a 330 réis. Agio de Notas, 40 por cento.

— Londres, 7 de Novembro.

As acções de quasi todos os caminhos de ferro teem soffrido baixa consideravel. Esta crise obrigou os directores das principaes vias ferreas a proporem aos seus accionistas o juntarem-se todas as gerencias das linhas de caminhos de ferro em uma só. Espe-

ra-se que por este meio ellas se possam levantar da crise.

BIBLIOGRAPHIA.

50 Historia politica e religiosa, e descripção completa da Galliza, por D. Leopoldo Martinez Padin. — Esta obra conterá:

1.º — Um discurso preliminar em que se dá a conhecer a Galliza de uma maneira bastante ampla: segue depois a sua historia militar, politica e religiosa.

2.º — Exame dos habitos e estado moral do paiz, litigios, delictos e crimes mais frequentes.

3.º — Descripção topographica, estatistica e historica de todos os seus povos e monumentos, com observações sobre o seu melhoramento ou conservação, e exame historico, natural e economico da Galliza.

4.º — Uma resenha biographica de todos os habitantes notaveis em sciencias, artes e virtudes.

Esta obra sahirá aos livretes de 32 paginas cada um, nitidamente impressos.

O preço de cada livrete é por subscripção, em Madrid, de tres reales e meio, e avulso quatro e meio. A obra constará de tres tomos de dez a doze livretes.

Subscreve-se em Madrid, na livraria de Monier, *Carrera de S. Geronimo.*

—

Publicação industrial das machinas, utensilios, e apparelhos mais aperfeiçoados e mais recentes, empregados nos differentes ramos de industria franceza e estrangeira, por Mr. Armengaud Senior, engenheiro, e professor no Conservatorio das Artes e Officios. — Esta publicação tem por objecto fazer conhecidas miudamente as machinas mais recentes e as mais uteis, empregadas na industria agricola e manufactureira; os teares mais em uso nos diversos generos de fiações, e os apparelhos e processos mais usados e mais aperfeiçoados nas differentes fabricações, bem como todos os instrumentos e utensís mais importantes, e que de dia para dia se tornam indispensaveis em todas as officinas e fabricas.

Acham-se já publicados d'esta interessante obra cinco volumes.

Esta publicação é feita em livretes; contendo cada um: — 1.º — quatro estampas gravadas em cobre, e impressas em folio em optimo papel: — 2.º — tres folhas de texto em caracteres novos e compactos.

Sahem dez livretes por anno, os quaes formam um atlas de 40 estampas, e um volume de mais de 500 paginas.

O preço da subscripção é de 30 francos (4$800 réis) por anno para París.

Subscreve-se em París, no escriptorio, rua de S. Sebastião n.º 19, e em Lisboa, em casa do Sr. Plantier, Rua do Oiro.

—

Instrucções Populares ácerca da Cholera-Morbus, ou conselhos ao povo, sobre o que deve fazer, para se defender desta epidemia. e quando alguem fôr accommettido della, como se deve tractar, até que chegue facultativo: por João Ferreira, cirurgião da eschóla do Porto. — Um folheto de 56 paginas. Vende-se, no Porto, em casa do auctor na rua dos Lavadouros, n.º 45; e na loja do Sr. Cruz Coutinho, aos Caldeireiros, em Lisboa, em caza da viuva Bertrand; em Coimbra, em caza de J. de Mesquita; Braga, Antonio Freitas Guimorães; Lamego, Antonio Tristão; Vianna, André Joaquim Pereira; Oliveira d'Azemeis, Carqueja; Valença, Antonio de Sousa Maia. — Preço 100 réis.

—

Compendio de Historia Natural dos tres reinos. — Obra utilissima para todas as classes da Sociedade, e especialmente para as creanças de ambos os sexos, que frequentam os collegios de instrucção primaria e secundaria pelo Pharmaceutico João José de Sousa Telles. — Sahirá todas as semanas uma ou duas folhas. Preço de cada uma 20 réis. Preço das estampas 20 réis. — A necessidade desta obra é tão urgente, que muito desejaremos, que o auctor a escreva de modo que satisfaça, ao que se deve exigir de um livro elementar, e que póde servir de complemento á nossa tão atrasada instrucção primaria.

—

Justiça e Caridade. — Folheto por M. Cousin.

—

Da Propriedade em virtude do Codigo Civil, por Troplong.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.º 82.
Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros.............	$600 réis.
Vinte e quatro ditos	1$200 »
Quarenta e oito ditos.......	2$400 »

Por assignatura sahe cada n.º a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

De qualquer ponto do reino, assigna-se por meio de carta, e em Lisboa no Escriptorio e na Rua Augusta n.º 8, e nas mais lojas em que se annunciar. A Empreza tem correspondentes em todos os Districtos do Reino, Ilhas, e nos Portos do Brazil.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

—

A carta que de Coimbra nos escreveram ácerca da apanha da azeitona será mui proximamente attendida.

Agradecemos e serão publicados os seguintes artigos:

Meditação pelo Sr. Conselheiro Silvestre Ribeiro.

Noticia ácerca de um poema inedito, pelo Sr. Ayres Pinto de Sousa.

Theatro Portuguez, pelo Sr. F. M. Bordallo.

Reimpressão do *Ulyssipo,* pelo Sr. José Maria da Costa e Silva.

Não foi possivel publicar n'este numero o artigo dos Srs. Assis e Fonseca, o que muito sentimos.

Errata. — Na pag. 22, col. 1.ª, lin. 14, em vez de 1107 *cholericos,* lêa-se 1107 *pessoas das quaes* 30 *cholericos.*

Na mesmo pagina, col. 2.ª, lin. 14, em vez de *milhos de Vianna do Minho, lb.* 310 315 *sc.*, lêa-se *milhos em Vianna do Minho,* 310 *a* 315 *réis.*